

DONA BENTA ENCONTRA PÉRICLES: RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE NO *MINOTAURO* DE MONTEIRO LOBATO

MRS. BENTA MEETS PERICLES: CLASSICAL RECEPTION IN MONTEIRO LOBATO'S THE MINOTAUR

Mateus Dagios¹

RESUMO: O objetivo do artigo é discutir o livro *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato a partir do conceito de recepção da antiguidade clássica (*Classical Reception Studies*). Monteiro Lobato engaja o universo do Sítio do Picapau Amarelo em uma expedição pela Grécia de Péricles para apresentar aos seus leitores o que considera serem os legados importantes desse período histórico e ao mesmo tempo fazer uma crítica ao mundo moderno. A ideia de Grécia abordada por Lobato é a do “milagre grego”, que opera uma leitura idealizada do passado. O artigo insere-se em uma perspectiva crítica do texto lobatiano, reconhecendo seu papel na consolidação da literatura infantil no Brasil e examinando a compreensão do passado transmitida.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; recepção da antiguidade; *O Minotauro*.

ABSTRACT: This paper discusses Monteiro Lobato's *The Minotaur* (1939) within the scope of Classical Reception Studies. Monteiro Lobato engages the Yellow Woodpecker Ranch in an expedition to Pericles' Greece to present to the readers what he considers to be important legacy of this historical period as well as a criticism of modern world. The Greece presented by Lobato is the one engendered by the “Greek miracle”, in an idealized reading of the past. The paper is developed within a critical perspective that recognizes Lobato's role in the consolidation of children's literature in Brazil and examines the understanding of the past conveyed in the book.

Keywords: Monteiro Lobato; classical reception; *The Minotaur*.

Também vou fazer mais livros infantis. As crianças sei que não mudam. São em todos os tempos e em todas as pátrias as mesmas. As mesmas aí, aqui e talvez na China. Que é uma criança? Imaginação e fisiologia; nada mais.

Monteiro Lobato, 26/06/1930 – *A Barca de Gleyre*

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

Introdução

Em uma carta escrita para Godofredo Rangel² no final de junho de 1930, Monteiro Lobato apresenta considerações em relação ao seu ofício de escritor. Por estar na intimidade epistolar e distante do Brasil, na grande New York, e talvez não contando que um dia as cartas datilografadas na *Remington* se tornariam dois volumes de suas obras completas, o autor não exibe floreios e capricha na franqueza, afirmando que sua inspiração vem da demanda do bolso: “Só me volto para as letras quando o bolso se esvazia [...]. E se não me sai logo uma tacada em que tenho grandes esperanças, boto livro, boto jornalismo, boto literatura infantil” (LOBATO, 1956, p. 320). Ele conclui apresentando uma definição do que é uma criança, que nos serve de epígrafe.

É curioso que um escritor que produziu o mais famoso universo imaginativo da literatura infantil brasileira tenha uma noção tão simplista sobre o que é uma criança. Monteiro Lobato não é nosso contemporâneo, e muitas das ideias defendidas pelo autor passaram nos últimos anos por uma profunda revisão crítica. Nosso artigo tem por base duas ideias. A primeira, oposta à do autor, é que as crianças não são sempre as mesmas, que elas mudam e a infância é socialmente construída e, portanto, tem uma história. A segunda é consequência da primeira: se a infância tem uma história, a literatura infantil também possui outra história.

O que é uma criança é uma interrogação que por mais estranha que possa parecer não provoca desconforto. Podemos dizer o que qualifica uma criança do ponto de vista de medicina. Mas essas informações descrevem o corpo e não a infância. Lobato descreve a criança em duas potencialidades, *imaginação* e *fisiologia*. Por mais que o corpo infantil seja característica da criança, ele não define a infância. O problema da infância emerge entre disputas de saberes. Existe uma infância para a psicologia, uma concepção na psicanálise, uma ética dos deveres de resguardo da criança regulados pelo Estado, um problema histórico dos sentidos da infância.

À medida que a história da infância se consolidou como um campo de pesquisa popularizado com o emblemático *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime* de Philippe Ariès (1960), diversas perguntas e possibilidades foram abertas para o historiador. A infância como um problema histórico criou uma rede de significados que envolvem rituais de iniciação, construção de saberes, investigação de espaços, representações e entendimento de sistematizações legais sobre a criança e a infância. Philippe Ariès indaga sobre o nascimento do “sentimento da infância”. A história da criança está embasada na investigação desse sentimento social, do desdobramento de uma concepção compartilhada de uma fase da vida, tomada como diferente em várias sociedades. O historiador francês apresenta-nos a datação de nascimentos de concepções de idades: “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX (ARIÈS, 1978, p. 48)³.

Dentre tantos documentos acessíveis ao historiador, a literatura infantil destaca-se como uma fonte importante para pensar as representações e os anseios sociais direcionados à criança. Contudo, é preciso vagares metodológicos em relação às singularidades de tais textos. Se a infância tem uma história, a literatura infantil possui outra, que não é simplesmente paralela à noção de infância, mas possui referências e anseios próprios.

² Sobre a dinâmica epistolar entre os dois autores, é imprescindível a leitura de *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* de Sueli Tomazini Barros Cassal (2002).

³ A história da infância no Brasil tem ganhado cada vez mais relevância. Entre tantas publicações, podemos citar *História das crianças no Brasil*, organizado por Mary Del Priore (2010).

Roger Chartier destaca em suas investigações sobre as práticas da leitura que o livro tem dinâmicas ideológicas e que ele é construído por aportes, códigos, elementos que permeiam o texto, indícios culturais, marcas e presenças construídas desde a tipografia até o mobiliário da casa. Se para idealizar um leitor adulto é preciso uma série de cuidados, imaginar uma prática da leitura infantil também não pode ser uma tarefa reducionista:

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal (CHARTIER, 2011, p. 20).

Além desses códigos inerentes às potencialidades do texto e da leitura, na literatura infantil agregamos o fato de que os textos passam pelo filtro dos pais ou de algum responsável em alguma instância de escolha. A criança, não sendo economicamente ativa, recebe o que vai ler ou escolhe dentre livros de uma biblioteca. Nenhuma idade da vida é tão vigiada quanto a infância, o que obviamente influencia na escolha dos livros. Ligia Cademartori destaca que historicamente “a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores” (CADEMARTORI, 2006, p. 10). Seria demasiado tentar resumir neste espaço a história da literatura infantil desde Charles Perrault no século XVIII até outros autores entusiastas de uma noção de cultura popular como os Irmãos Grimm no final do século XVIII, que fizeram uma verdadeira coleta de canções e contos advindas das classes mais baixas e juntaram-nas sob a égide do popular⁴. É preciso ressaltar que as origens populares da literatura infantil inauguraram, como nos descreve Cademartori, uma confusão entre literatura popular e literatura infantil, que “tem por base a aproximação de duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade” (CADEMARTORI, 2006, p. 39).

O livro infantil e suas possibilidades têm sido uma área pouco explorada por historiadores, por preconceito em relação a uma literatura considerada erroneamente como menor e também por desconhecimento da importância do tema. Assim consciente da importância da literatura infantil, em uma perspectiva histórica, nossa problemática aborda a recepção da antiguidade no livro *O Minotauro* (1939) de Monteiro Lobato. Rastrear a ideia que o autor possui do mundo grego é importante para compreender a noção de cultura no texto lobatiano e compreender por que o autor tentou relacionar o espaço literário do Sítio do Picapau Amarelo com a memória cultural do mundo clássico. A escolha do livro é fundamentada por ser aquele que mais efetua comparações entre a contemporaneidade do autor e a Grécia Antiga, possibilitando a discussão de temas de recepção do antigo no presente. Entre os livros dedicados ao público infantil escritos por Monteiro Lobato, há outros que se dedicam à antiguidade: a *História do mundo para as crianças* (1933), de forma parcial, e um livro dedicado ao mito de Hércules, *Os doze trabalhos de Hércules* (1944).

Em um sentido amplo, tomamos o conceito de recepção como “as formas pelas quais material grego e romano foi transmitido, traduzido, citado, interpretado, reescrito, reimaginado

⁴ A questão da cultura popular tornou-se uma grande preocupação da historiografia a partir da década de 1970. Apesar de várias revisões e novas abordagens, a obra clássica do historiador Peter Burke, *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800* (1995) segue importante.

e representado” (HARDWICK; STRAY, 2008, p. 1)⁵. A noção de recepção em um primeiro momento aborda uma ideia, princípio ou conceito do passado recebido no presente, ou seja, recriado e reavaliado dentro de determinado aspecto ideológico. A abordagem do *Classical Reception Studies* em relação à literatura infantil é entender como o imaginário da antiguidade, ou seja, seus mitos, suas narrativas e sua história, é usado para moldar e configurar dinâmicas de momentos contemporâneos. Isto é, como a antiguidade é apropriada para difundir ideias e conceitos ideologicamente construídos. Entre os estudos sobre os mitos gregos na obra de Monteiro Lobato, destacamos as dissertações de Vitor Amaro Lacerda, *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato* (2008), e de Juliana de Souza Topan, *O “Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das Grécias lobatianas* (2007), bem como o artigo de Roosevelt Araújo da Rocha Jr., “A Grécia pelos olhos dos picapaus: Lobato e sua leitura de Antiguidade Clássica” (2009). J. Robert Whitaker Penteadó criou a expressão “os filhos de Lobato” (2011) para pensar o impacto que a literatura infantil desenvolvida pelo autor teve na geração de crianças entre as décadas de 1930 e 1950. Em seu livro, Penteadó chega a conclusões contraditórias, mas o caráter precursor da pesquisa é importante para demarcar alguns pontos. Entre eles, o fato de que a obra de Monteiro Lobato assume para seus leitores um caráter formador. Ainda que eles não cheguem às mesmas conclusões sobre os pontos em que se sentiram influenciados, entre nacionalismo, política ou percepções sobre o progresso, eles descrevem-se como influenciados pela literatura do autor. Nesse contexto, é fundamental entender como a antiguidade foi descrita por um dos autores mais lidos de nossa literatura.

O artigo divide-se em três partes: 1 *Literatura infantil e recepções da antiguidade*, em que apresentamos as noções teóricas que tornam nossa abordagem possível, textos que problematizam a antiguidade e a literatura infantil tomando a literatura feita para crianças como um espaço de veiculação de ideias e dinâmicas sociais; 2 *Monteiro Lobato: a conquista do livro*, em que apresentamos a importância do autor para a construção de uma literatura infantil de caráter nacional; 3 *Dona Benta encontra Péricles*, em que são abordado alguns aspectos da antiguidade no livro *O Minotauro* de Monteiro Lobato. Demonstraremos como Monteiro Lobato apresenta uma Atenas envolta em uma aura de sabedoria, responsável por inaugurações no pensamento ocidental, e uma Grécia que se opunha ao “demônio do progresso”.

1 Literatura infantil e recepções da antiguidade

A relação entre Recepção e Estudos Clássicos a partir da literatura infantil é uma área de pesquisa recente. Os trabalhos de recepção da antiguidade clássica (*Classical Reception Studies*) provocaram uma grande mudança nos Estudos Clássicos, pois possibilitam novas abordagens com redimensionamento de perspectivas temporais da disciplina, como aborda Charles Martindale:

A recepção ajudou assim a desafiar a ideia tradicional do que são os “clássicos” [...], despertando a reflexão sobre como a disciplina foi constituída, de forma variada e frequentemente em meio a disputas, ao longo de séculos. Não é simplesmente uma questão de examinar o que aconteceu com os clássicos após

⁵ Tradução nossa. No original: “the ways in which Greek and Roman material has been transmitted, translated, excerpted, interpreted, rewritten, re-imaged and represented.”

o que agora chamamos de “antiguidade tardia”, mas de contestar a ideia de que os clássicos são algo fixo, cujos limites podem ser mostrados e cuja natureza essencial nós podemos compreender em seus próprios termos (MARTINDALE, 2006, p. 2)⁶.

O modelo de recepção defendido a partir dos Estudos Clássicos reconhece a historicidade dos textos, o que é preponderante em uma disciplina que foi constituída por meio de cruzamentos entre as áreas da linguística, filologia e história. A recepção permite que nos dediquemos também à resposta dos leitores, à busca de sensibilidades construídas com determinadas idealizações de um passado em diferentes presentes. A idealização do passado, ou a construção de uma história harmônica, é um tema frequente dentro das abordagens da antiguidade que a literatura infantil propõe. Em nosso caso, como demonstraremos, Monteiro Lobato descreve uma Atenas envolta em uma aura de sabedoria. Mesmo em pequenos enredos, a Grécia lobatiana sempre traz algo ao presente e é uma antiguidade inaugural de tradições e feitos.

Como proposta, a Estética da Recepção (*Rezeptionsästhetik*) nos moldes defendidos por Hans Robert Jauss permite um enquadramento temporal maior que a ordem sincrônica dos acontecimentos, admitindo uma temporalidade fluida e contínua. O leitor é colocado no centro da experiência a partir do momento em que ele reorganiza o material em sua própria perspectiva. Assim, podemos interpretar como um texto é estruturado para dimensionar a própria percepção que o leitor possui do passado.

Como nos lembram Lajolo e Zilberman, é importante destacar a dificuldade teórica de entender a literatura infantil com os métodos consagrados da literatura tradicional:

orientada de antemão a um consumo muito específico e que se dá sob a chancela de instituições sociais como a escola, cria problemas sérios para o teórico e o historiador que dela se aproximam munidos dos instrumentos consagrados pela história e pela teoria literárias (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 13).

Tais dificuldades de abordagem se mantêm quando pensamos a operacionalidade da cultura clássica dentro de um escopo de difusão diferente do que é constantemente estudado na disciplina. É preciso refinar as perguntas para um tipo de documento que é produzido para consumo infantil.

Duas interrogações impõem-se no cruzamento de antiguidade e literatura infantil: O que fundamenta a busca da recepção da antiguidade na literatura infantil? O que a singularidade da literatura produzida para crianças pode oferecer a quem busca historicizar noções de passado? Dentre uma gama de respostas, podemos destacar primeiramente a de Hodkinson e Lovatt sobre os efeitos das histórias da antiguidade na formação intelectual da criança:

⁶ Tradução nossa. No original: “Reception has thus helped to challenge the traditional idea of what “classics” is [...], prompting reflection on how the discipline has been constituted, variously and often amid dispute, over past centuries. It is not merely a matter of looking at what happened to classics after what we now like to call “late antiquity,” but of contesting the idea that classics is something fixed, whose boundaries can be shown, and whose essential nature we can understand on its own terms.”

O poder do impacto que pode ser gerado nos primeiros encontros das crianças com o passado clássico e suas histórias não pode ser subestimado ao considerar sua sobrevivência no mundo moderno, desde os currículos das escolas e universidades até os produtos culturais *mainstream* voltados para adultos que se apaixonaram pelos clássicos quando crianças. A cultura popular molda os clássicos e os classicistas e, portanto, deve ser estudada (HODKINSON; LOVATT, 2018, p. 4)⁷.

Nesse campo, uma matriz conceitual advinda do mundo antigo é oferecida aos leitores como constituinte de uma tradição. Monteiro Lobato apresenta os gregos como os responsáveis por grandes feitos, perenes e duradouros em nossa tradição, cristalizando a ideia de que somos influenciados pela sapiência dos antigos. Toda tradição é historicamente construída, inclusive a tradição clássica, e investigar como a literatura infantil representa a antiguidade é buscar mecanismos de construção do passado e da história. Hodkinson e Lovatt defendem que:

De fato, dada a força e a persistência do impacto que os textos de recepção infantis podem ter, frequentemente reforçado por múltiplas releituras, eles precisam ser reconhecidos como tendo uma probabilidade muito maior de moldar diretamente a forma como o público adulto moderno interage com o mundo clássico que quaisquer produtos culturais pós-coloniais a pré-modernos (HODKINSON; LOVATT, 2018, pp. 4-5)⁸.

A importância da literatura infantil como formadora de uma visão da antiguidade clássica é uma das preocupações centrais de quem investiga a literatura infantil pelo ponto de vista da antiguidade. Em *The reception of ancient Greece and Rome in children's literature: heroes and eagles*, Lisa Maurice afirma: “As percepções de muitos adultos foram indelevelmente influenciadas pelas ideias formadas na infância por meio desses encontros literários” (MAURICE, 2015, p. 3)⁹. A antiguidade é usada como um componente ideológico para legitimar práticas do presente. Maurice apresenta-nos como ela é direcionada às crianças:

o conceito de que os gregos são “heróis” e de que os romanos com suas águias, símbolo do exército, são soldados conquistadores é uma indicação de como a literatura infantil utiliza Grécia e Roma para promover outros propósitos. Em outras palavras, as culturas antigas são apresentadas de formas que (consciente e subconscientemente) apresentam pontos de vista ideológicos que os jovens leitores devem absorver (MAURICE, 2015, p. 3)¹⁰.

⁷ Tradução nossa. No original: “The power of impressions that can be made in children’s earliest encounters with the classical past and its stories cannot be underestimated in considering their survival in the modern world, from school and university syllabuses ad scholarship to mainstream cultural products aimed at adults who fell in love with the classics as children. Popular culture shapes classics and classicists: it should therefore be studied.”

⁸ Tradução nossa. No original: “Indeed, given the strength and endurance of the impressions such children’s reception texts can make, often reinforced by multiple re-readings, they must be acknowledged as being far more likely than any post-colonial to pre-modern cultural products to shape directly how the modern adult audience engages with the classical world.”

⁹ Tradução nossa. No original: “Many adults’ perceptions have been indelibly coloured by the ideas formed in their own childhoods through such literary encounters.”

¹⁰ Tradução nossa. No original: “the concept that the Greeks are ‘heroes’, and the Romans with their eagles, symbol

Um trabalho importante que não pode deixar de ser citado, apesar de não estar inserido em nossa abordagem teórica, é a valiosa contribuição de Maria das Dores Soares Maziero: *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* (2006). A autora investiga como uma versão da Odisseia sofre diferentes mudanças em processo de adaptação para o público infantil contemporâneo, e rastreia procedimentos editoriais no que se refere à abordagem dos mitos gregos na área da literatura infantil. Para Maziero, as sucessivas reedições de algumas obras comprovam a permanência do interesse pelo tema por parte do público infantil ou do público adulto, representado pela instituição escolar (MAZIERO, 2006, p. 30). Segundo a autora, três pontos importantes podem ser destacados no que concerne aos procedimentos editoriais: 1. Os mitos aparecem juntamente com fábulas e contos de fadas dentro do escopo de uma cultura clássica; 2. Primeiro as obras chegam por traduções e depois se transformam em adaptações; 3. As ilustrações aparecem como uma forma de seduzir o público infantil (MAZIERO, 2006, p. 30).

O texto de Maziero demonstra que entre a fantasia das versões mitológicas desenvolvidas para o público infantil e as obras que difundem ideais de cultura clássica, apropriando-se do passado, desenvolve-se uma visão particular do passado que é ao mesmo tempo atraente para projetos editoriais e para a escola. Assim, a literatura infantil associada à antiguidade cria um espaço de manutenção de passados idealizados, não problematizados e pouco críticos. A beleza dos mitos, a grandeza dos gregos, a força dos romanos ou os mistérios do Egito¹¹ são utilizados nas narrativas para demonstrar aos pequenos leitores a perenidade de certos pensamentos em detrimento de outros.

A antiguidade clássica é construída como um discurso histórico formador, permitindo que as mais variadas ideologias encontrem nesse terreno a possibilidade de criar narrativas sobre seu passado. Um exemplo dessa polissemia da antiguidade é apresentado por Elena Ermolaeva no artigo “Classical Antiquity in children’s literature in the Soviet Union” (2016). A autora destaca como o tema recorrente do heroísmo foi associado à antiguidade em vários textos de literatura infantil na União Soviética¹². Ermolaeva aborda os textos de Salomon Luria (1891–1964), professor de antiguidade clássica e filólogo que escreveu uma série de livros infantis que gozaram de popularidade na URSS. O mais famoso foi *Pismo grecheskogo malchika* (Uma carta de um menino grego) de 1930. O livro narra o cotidiano de um garoto helênico mostrando como era a escola na Grécia, apresentado as letras gregas e outras pequenas aventuras na antiguidade.

Ermolaeva demonstra também como a escravidão, que sempre foi um tema importante no mundo comunista, tornou-se um *tópos* na literatura infantil dedicada à antiguidade na URSS, pois dialoga com ideias de liberdade e sentimentos de revolta: “Na União Soviética, a escravidão era o principal tema abordado em história antiga em todos os níveis educacionais — desde a escola até as universidades — de modo que a rebelião de escravos era quase que um

of the military, are conquering soldiers, is an indication of how children’s literature uses Greek and Rome to further other agenda. In other words, the ancient cultures are presented in ways that (consciously or subconsciously) present ideological viewpoints that the young reader is expected to absorb.”

¹¹ Sobre o Egito e o imaginário de mistério da civilização antiga, ver *Egyptomania: A History of Fascination, Obsession and Fantasy*, de Ronald H. Fritze (2020).

¹² Podemos destacar aqui um interessante trabalho sobre a tradução de Monteiro Lobato para o russo, “Emília, a cidadã-modelo soviética: Como a obra infantil de Monteiro Lobato foi traduzida na URSS”, de Marina Fonseca Darmaros e John Milton (2019). Para os autores, o texto de Lobato, traduzido durante a década de 1960, foi adaptado com apropriações ideológicas.

elemento obrigatório da Antiguidade em livros infantis” (ERMOLAEVA, 2012, pp. 248-249)¹³.

Uma das características que mais despertam a atenção no grande público em relação à antiguidade é o tema das guerras e conquistas romanas. Sheila Murnaghan e Deborah H. Roberts, no artigo “Armies of children: war and peace, Ancient History and myth in children’s books after World War One”, rastream como a temática da guerra na antiguidade foi abordada na literatura infantil dos EUA após a Primeira Guerra Mundial. Para as autoras, o mundo antigo foi utilizado como argumento para moldar na literatura infantil estadunidense uma percepção de que a guerra pertencia ao mundo simbólico do homem e as virtudes da guerra seriam inatas à masculinidade. De acordo com Murnaghan e Roberts, a seguinte questão permeia a literatura infantil após a Primeira Guerra Mundial nos EUA: “Que menino não se anima com as histórias de guerra e não deseja em algum momento ser um soldado?” (MURNAGHAN; ROBERTS, 2012, p. 226)¹⁴.

Como salientado, *O Minotauro* não é a única obra em que Monteiro Lobato se apropria da história como terreno de ficção. Em 1933, ele adaptou o livro *A child's history of the world* (1924) de Virgil Mores Hillyer (1875–1931) para o público infantil brasileiro lançando *História do mundo para as crianças*. Lobato, de forma particularmente sagaz, reescreve o livro na dinâmica das personagens do Sítio do Picapau Amarelo, com Dona Benta como narradora, mediando discussões das personagens. Míriam Giberti Páttaro, em seu estudo sobre a adaptação de Lobato, afirma que o autor não faz apenas uma tradução, mas cria dinâmicas de reflexão sobre determinados temas da história:

Por fim, temos a impressão de que a obra lobatiana não se restringe apenas a narrar fatos em abundância, mas tende a suscitar, sempre que possível, uma discussão-reação entre as personagens lobatianas sobre o que está sendo narrado para, conseqüentemente, levar o leitor à reflexão, em especial no que se refere à justiça e à violência praticadas pela sociedade humana (PÁTTARO, 2012, p. 78).

No livro que se tornou um marco na investigação das matizes ideológicas de Lobato, *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*, Zinda M. C. de Vasconcellos comenta sobre como Lobato inclui comentários sobre sua visão de história: “As concepções de Lobato sobre História e sociedade encontram-se presentes em todos os seus livros da série sob a forma de comentários esparsos [...] além de estarem mais ou menos subjacentes como problemas nos livros dedicados à mitologia grega (VASCONCELLOS, 1982, p. 39). Para a autora, Lobato aproveita as conclusões para oferecer pontos de vista sobre a aplicabilidade de ideias para o Brasil.

Como demonstraremos, Lobato tem uma visão idealizada do mundo grego. *O Minotauro* é testemunha de um homem fortemente engajado em construir significados para o presente a partir da história, mas também profundamente decepcionado com o presente.

¹³ Tradução nossa. No original: “In the Soviet Union slavery was the key theme covered in ancient history at each educational level—from school to the academy—so that the slave uprising was an almost obligatory element of Antiquity featuring in children’s books.”

¹⁴ Tradução nossa. No original: “What boy does not feel the thrill of tales of war and does not at some time long to be a soldier?”

2 Monteiro Lobato: a conquista do livro

Entre 1882, ano de nascimento de Monteiro Lobato, e o ano de seu falecimento em 1948, o autor testemunhou um mundo em transição. Nascido antes da abolição da escravidão (1888), viveu a República Velha (1889–1930) engajando-se como intelectual, acompanhou o horror das duas Guerras Mundiais e desiludiu-se com seu país. Monteiro Lobato é um dos raros escritores que tiveram um projeto de Brasil, e seu crescimento como intelectual e homem de caráter empreendedor mostram-nos um homem de convicções.

O rótulo de empreendedor não é apenas uma palavra da moda, mas uma forma legítima de caracterizar Monteiro Lobato, uma espécie de *self-made man*, um homem de ação do capitalismo, mais comum no mundo estadunidense que brasileiro. Em sua vida capitaneou vários projetos, como uma fábrica de geleias (1906) ou a Companhia Editora Nacional (1925). Encantando-se com os EUA no final da década de 1920, tentou produzir aço, arriscando na bolsa estadunidense e perdendo tudo em 1929. Na década de 1930, tentou impulsionar o petróleo, fundando em 1932 a Companhia de Petróleo do Brasil. Depois de uma série de fracassos com o governo, criou uma agência de notícias, a União Jornalística Brasileira. Por causa de seus engajamentos com o petróleo como causa nacional e o descontentamento com a maneira como o governo operava com os minérios, acabou preso em 1941 por alguns meses. No final da vida, empenhou-se em publicar suas obras completas.

As andanças comerciais, por si só, já bastariam para colocar o empreendedor em um capítulo interessante da história da indústria no Brasil, que cruzaria com audácia um caminho curioso entre as editoras nacionais e o petróleo brasileiro. Mas foram as Letras que deram fama a Monteiro Lobato, advinda não só do talento, mas também da percepção de um campo literário que ainda era embrionário no Brasil: a literatura infantil. André Vieira de Campos, no livro *A república do pica pau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*, descreve a aventura ideológica de Lobato com seus projetos como o fracasso de uma ideia de hegemonia burguesa, que, embora derrotada, foi redirecionada para os livros infantis:

O que vamos encontrar nessa releitura de sua obra é um projeto de hegemonia burguesa que não se concretizou, derrotado que foi pela vitória do corporativismo autoritário que o Estado Novo concebeu e implantou. Neste projeto, chama a atenção o papel político de sua literatura infantil que, vista desse ângulo, deixa de ser apenas um “entretenimento para crianças”, tornando-se uma estratégia para formação dos futuros cidadãos, encarregados de construir a democracia liberal que Lobato sonhou (CAMPOS, 1986, xvi).

Se no terreno da indústria suas aventuras são permeadas por um misto de ímpeto visionário com execução de Dom Quixote, no terreno da escrita Lobato foi calmamente erguendo um sólido mundo imaginário. Na primeira década do século XX, já havia publicado livros que lhe haviam tornado conhecido, além de um polêmico artigo “Velha praga”, publicado em 12 de novembro de 1914, em que criticava a prática das queimadas e apresentava ao Brasil a figura do Jeca Tatu, na sua visão o abandonado trabalhador rural paulista, que vivia à margem da sociedade, preso pelo abandono de sua ignorância e esquecido pelas políticas públicas. Outros textos foram publicados nos livros *Urupês* (1918) e *Cidades mortas* (1919). Em 1921, lançou seu primeiro livro infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, apresentando duas

personagens que se tornariam famosas: Emília e Narizinho.

Passiani destaca que o projeto literário lobatiano visava uma aproximação com o grande público, tentando romper com certos melindres linguísticos que caracterizavam a literatura nacional:

Lobato ocupou-se da forma do texto, tornando-se sua narrativa cada vez mais íntima da oralidade, preocupou-se com a objetividade e clareza da comunicação e chegou até a criar inúmeros neologismos para facilitar o exercício da leitura e tornar a própria compreensão do texto mais acessível (PASSIANI, 2003, p. 28).

Com sua percepção para negócios, Lobato captou que era preciso mudar a dinâmica do livro para poder popularizar seus textos. Em uma época em que o analfabetismo imperava e os modos de distribuição de textos eram precários, Lobato “inaugurou uma concepção de literatura que incluía a noção de livro como objeto sem aura, como linguagem, como texto como mercadoria” (LAJOLO, 1982, p. 16).

Para compreender as diretrizes ideológicas de Monteiro Lobato, é preciso entender por um lado as contradições que o autor teve com o movimento modernista e por outro as decepções que teve com suas intenções políticas para o progresso do Brasil, sendo contrário às oligarquias, avesso a entregar as riquezas nacionais ao capital estrangeiro e podendo ser adjetivado como um nacional-desenvolvimentista sem ufanismo.

Zinda M. C. de Vasconcellos encontra três grandes características ideológicas de Monteiro Lobato em seus textos de literatura infantil. A primeira é a presença de concepções evolucionistas. Segundo a autora, para Lobato a história é regida por uma evolução natural em que o desenvolvimento técnico e industrial ficaria a cargo de indivíduos inovadores; por outro lado, o autor desconfia de grandes valores norteadores da história, sendo essa, palco da estupidez humana. Lobato acredita em uma natureza humana pouco elevada (VASCONCELLOS, 1982, pp. 53-59). A segunda seria um “relativismo de valores” em que Lobato fez comparações valorativas entre as épocas ou culturas, por vezes valorizando conquistas modernas e por vezes buscando uma expansão das perspectivas, valorizando as diferenças (VASCONCELLOS, 1982, pp. 53-59). A terceira é uma aceitação e uma crítica relativa aos valores do etnocentrismo (VASCONCELLOS, 1982, p. 67).

É em tais diretrizes que Lobato apresenta suas concepções da história. Como veremos no próximo tópico, o autor estabelece uma admiração incondicional pela Época de Péricles, o que pode também ser considerado como um refúgio idealizado dos males da modernidade percebidos em seu pensamento. Como aponta Campos, Lobato conjuga otimismo e pessimismo: “encontramos também uma faceta de Lobato pouquíssimo conhecida: uma visão pessimista da ideia de progresso, que coloca em dúvida todos os valores que sua vertente otimista da História sempre concebeu” (CAMPOS, 1986, p. xvi).

No que se refere ao Modernismo, o autor desempenhou um papel dúbio. Se por um lado foi crítico da arte moderna, com seu famoso artigo “Paranoia ou mistificação?” em que criticava a exposição de Anita Malfatti em 1917, e também crítico das ideias propostas na Semana de Arte Moderna de 1922, por outro lado e contraditoriamente pode ser considerado um precursor do Modernismo. Seria demasiado ambicioso resumir neste pequeno espaço todas as contradições, embates e desdobramentos da relação entre o autor e percepções de

modernismo na nossa literatura. Lajolo mostra-nos a questão de uma maneira que nos ajuda a perceber a proeminência de Lobato no que diz respeito a um processo de modernização e viabilização da circulação do texto literário, como uma conquista dos esforços do autor para além da sua filiação ou não com o Modernismo:

A inserção de Lobato, pois, na história da literatura brasileira, dá-se num nível mais complexo do que o nível de um escritor: e, conseqüentemente, sua produção não pode ser medida pelo metro exclusivo da aceitação ou rejeição polêmicas de posturas artísticas contemporâneas suas e que, aos olhos da crítica brasileira, parecem representar a única forma de rebeldia estética na paulicéia dos anos vinte (LAJOLO, 1982, p. 17).

Monteiro Lobato defendia a ideia do poder do livro como um instrumento reformador da sociedade que atuaria juntamente com a instrução pública para moldar hábitos e costumes de acordo com um ideal. A ambição de Monteiro Lobato é herdeira do ideal do pensamento Iluminista, acreditando que a difusão do produto livro poderia estabelecer novas configurações nacionais. Logo, ele desenvolve em suas personagens infantis ideias para o Brasil. O Visconde teve um poço de petróleo em *O poço do Visconde* (1937), e Jeca Tatu transformou-se em Jeca Tatuzinho (1924).

Lobato inaugurou uma proposta de literatura alicerçada na circulação do texto literário, ainda inédita até aquele momento, uma cultura do livro como objeto de consumo, com premissa capitalista, em um mercado editorial em processo de modernização. O Sítio é um mundo idílico compartilhado por grande parte de seus leitores que, se não estão no mundo rural, têm conexões com esse mundo, visto que somente na década de 1950 o processo de urbanização se intensificaria no Brasil. De acordo com Eliane Ferreira, Lobato criou uma mitologia autônoma que dialogava diretamente com seu público:

No cenário rural do Sítio do Picapau Amarelo, constrói uma realidade ficcional coincidente com a do jovem leitor de seu tempo e cria uma mitologia autônoma que se repete em quase todas as narrativas. O Sítio é um microcosmo a partir do qual se tem acesso aos outros espaços ficcionais, num crescente avanço rumo a espaços fantásticos (FERREIRA, 2009, p. 427).

Um desses espaços fantásticos em que o Sítio se expande é a Grécia Clássica, na qual mito e história convivem. A viagem/missão da turma do Sítio revela-se uma oportunidade para Lobato educar seus leitores com sua visão de mundo grego e sua ideia de cultura e civilização.

Expostas em linhas gerais algumas das matrizes ideológicas do criador do Sítio do Picapau Amarelo e a importância do seu projeto de nação e dos seus esforços de consolidação de uma base editorial como proposta para o Brasil e como mecanismo de difusão eficaz da literatura, podemos avançar e examinar como a ideia de Grécia apresentada por Lobato é sintoma de seu pessimismo com instâncias da modernidade e também resultado de uma idealização, na qual a política seria justa e não redundasse em decepções como as que encontrava no final da década de 1930, depois de uma longa campanha pelo desenvolvimento do petróleo em solo nacional.

3 Dona Benta encontra Péricles

O historiador David Lowenthal em seu clássico *The past is a foreign country*, título mais que propício para pensar a aventura da turma do Sítio na antiguidade, lembra-nos da tensão entre passado e futuro:

Passado e futuro são igualmente inacessíveis. Mas embora estejam além do nosso alcance físico, eles são essenciais para nossa imaginação. A reminiscência e a expectativa permeiam cada momento do presente. Mas eles atraem – e repelem – de formas distintas (LOWENTHAL, 2015, p. 23)¹⁵.

Em *O Minotauro*, Lobato escreve sob essa tensão, abarcando um pessimismo com o progresso e uma idealização do passado clássico. A paisagem da Atenas Clássica serve para criar uma comparação com os males do progresso, em um debate temporal. Ao colocar o Sítio do Picapau Amarelo em um *tour* pela Grécia, o autor deseja vincular suas personagens a uma herança civilizacional consagrada, apresentando aos seus leitores uma série de informações que ele percebe como relevantes para a estrutura social contemporânea. A Grécia lobatiana é construída como reação crítica à modernidade, como um lugar confortável de liberdade e beleza e como uma antiguidade pedagógica que exerce uma tensão civilizadora contra costumes do presente. O livro pode ser lido como uma carta de intenções aos seus leitores sobre valores que considera perenes frente a brutalidades do presente.

O Minotauro (1939) é uma narrativa que continua a aventura da obra *O Picapau Amarelo* (1939), que termina com o sequestro de Tia Nastácia, raptada por monstros da Fábula. Assim imbuídos da missão de resgate, a turma do Sítio, Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde, juntamente com Dona Benta e Rabicó, partem para a Grécia a bordo do Beija-flor das Ondas. O livro divide-se em 24 capítulos, e o enredo é composto por duas partes: a primeira conta com Narizinho e Dona Benta na casa de Péricles e a segunda acompanha Emília, Pedrinho e Visconde no século XV a. C. para resgatar Tia Nastácia. Com o subtítulo “Maravilhosas aventuras dos netos de Dona Benta na Grécia Antiga” e com ilustrações de Belmonte e Rodolfo, o projeto gráfico dava dimensão da consciência editorial de Lobato, com cuidado tipográfico e ilustrações detalhadas.

Dona Benta aponta no princípio que existem duas Grécias, a moderna e a antiga, e do ponto de vista do encanto ela não deixa dúvidas sobre qual delas merece atenção:

Há duas – a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saio (LOBATO, 1955, pp. 2 e 4).

A dualidade do moderno com a Hélade antiga percorre toda a narrativa. Lobato

¹⁵ Tradução nossa. No original: “Past and future are alike inaccessible. But though beyond physical reach, they are integral to our imagination. Reminiscence and expectation suffuse every present moment. Yet they attract – and repel – differently.”

descreve um passado encantado em contraste com um presente esvaziado. Nessa busca de um maravilhoso, de um legado grego, Dona Benta fala aos netos sobre a importância do pensamento grego:

A importância dum país não depende do tamanho territorial, nem do número de habitantes. Depende da qualidade do povo. Pequena foi a Grécia em tamanho – e tornou-se o maior povo da antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. Tão grande foi o seu valor, que até hoje o mundo anda *impregnado* de Grécia (LOBATO, 1955, p. 4).

O texto já começa destacando a influência grega no presente. A afirmação de que a valoração de um país “depende da qualidade do povo” soa como uma lembrança de seus projetos de desenvolvimento nacional frustrados, e é possível rastrear uma referência provocativa às dimensões continentais do Brasil tão comuns no discurso ufanista da década de 1930.

Do ponto de vista historiográfico, a Grécia de Lobato é construída pela ótica do *milagre grego*, como a própria Dona Benta pontua: “Por isso falam os sábios do “milagre grego”. Aham que aquilo foi um verdadeiro milagre da inteligência humana. Um foco de luz que nasceu da antiguidade e até hoje nos ilumina” (LOBATO, 1955, pp. 6-7). O milagre grego é uma noção histórica que foi defendida a partir da metade do século XIX, batizada com a expressão de Ernest Renan *miracle grec*. Ela defende uma excepcionalidade dos gregos e atribui as invenções gregas não a uma conquista social de determinada racionalidade, mas a um milagre, uma lógica mágica que toma a história como uma grandeza além dos atos humanos e descreve os gregos como seres excepcionais, inventores, criadores e inauguradores, não estabelecendo na própria história os motivos antropológicos que possibilitaram a construção de um pensamento radicalmente diferente de outros povos da antiguidade. Lobato como editor e leitor foi profundamente influenciado por autores que também defendiam os pressupostos da ideia do milagre grego, desde Renan até Anatole France.

O historiador contemporâneo que mais influenciou Lobato foi Will Durant (1885–1981). A obra de Will Durant era referência de conhecimento histórico para o público geral e, mesmo que academicamente não tenha alcançado grande relevância, ela é um marco para a divulgação da história. É perceptível a recepção das ideias de Will Durant no autor brasileiro. Lobato era tradutor e admirador das obras do historiador, como descreve em várias cartas para Godofredo Rangel, com quem traduziu *A História da Filosofia*. Alguns anos depois, Lobato também revisou a tradução de *História da Civilização*. No prefácio do segundo volume de *História da Civilização* (1939), Durant descreve “o século de Péricles”:

Veremos a democracia lutando pela sobrevivência em Maratona, estimulada pela vitória, organizando-se sob Péricles e florescendo como a cultura mais rica na história; assistiremos com prazer ao espetáculo da mente humana se liberando da superstição, criando novas ciências, racionalizando a medicina, secularizando a história e atingindo picos sem precedentes na poesia e no drama, em filosofia, oratória, história e arte; e registraremos com melancolia o final suicida da Era de Ouro na Guerra do Peloponeso (DURANT, 1966, p. viii)¹⁶.

¹⁶ Tradução nossa. No original: “We shall see democracy fighting for its life at Marathon, stimulated by its victory,

O Péricles descrito por Dona Benta tem as mesmas tintas carregadas de heroísmo e sapiência do Péricles de Durant: “Ah, meu filho, esse Péricles foi um homem de tantos méritos que chegou a dar o seu nome ao século” (LOBATO, 1955, pp. 12-13). O Sítio é diretamente relacionado à Grécia de Péricles, em uma exaltação da liberdade:

Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do “não pode” – não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do “não pode” – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê (LOBATO, 1955, pp. 17-18).

O Sítio do Picapau Amarelo, como salientamos, é um microcosmo autônomo. A descrição da Grécia de Péricles como “Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade” é uma tentativa de Lobato de anexar o imaginário clássico grego a um espaço infantil nacional. Atenas em seu esplendor dialoga com as dinâmicas do Sítio. Lobato deseja que sua Grécia particular e idealizada seja o modelo de perfeição a ser admirado pelos seus leitores. A herança grega, nas ideias de liberdade e imaginação, relaciona-se ao ipê, frondosa árvore comum em solo nacional.

Lobato, que parece decepcionado com seu tempo, encontra uma beleza ideal na antiguidade com a qual os homens concretos do presente não podem rivalizar, uma época plena que faz com que qualquer beleza moderna seja cor desbotada da vivacidade antiga:

A vida lá era um prazer – era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. Nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia – e o que ainda há de beleza no mundo moderno é pálida herança da vida de lá (LOBATO, 1955, p. 18).

Assim, o encontro do Sítio com a Grécia antiga, mediado por Dona Benta, é um encontro da brutalidade percebida do presente com a beleza idealizada do passado. Isso também se evidencia na comparação das ruas da antiga Atenas com as ruas do presente:

Que diferença, vovó! – disse Pedrinho. Lá nas cidades modernas a gente anda com o coração nas mãos, porque esbarra num, recebe um tranco de outro; e se vamos atravessar uma rua, dez automóveis fedorentos precipitam-se para nos esmagar. Aqui, este sossego. Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas – é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou (LOBATO, 1955, p. 21).

organizing itself under Pericles, and flowering into the richest culture in history; we shall linger with pleasure over the spectacle of the human mind liberating itself from superstition, creating new sciences, rationalizing medicine, secularizing history, and reaching unprecedented peaks in poetry and drama, philosophy, oratory, history, and art; and we shall record with melancholy the suicidal end of the Golden Age in the Peloponnesian War.”

Dona Benta concorda com a reflexão e ainda expõe uma macabra estatística sobre o automóvel e a morte de crianças:

Dona Benta concordou que o progresso mecânico só servia para amargar a existência dos homens. [...] Só nos Estados Unidos morrem por ano oito mil crianças esmagadas pelos automóveis. [...] Imagine quanto sofrimento criado por essas hecatombes de tantos milheiros de Narizinhos e Pedrinhos. Com duas vovós, para cada um, temos dezesseis mil vovós que anualmente perderam os netos, devorados pelos minotauros mecânicos (LOBATO, 1955, p. 22).

Lobato apresenta o carro como um “minotauro mecânico” devorador de vidas infantis e gerador de tristezas de avós. O argumento proposto pelo autor demonstra que os monstros modernos são mais atroz e mais sanguinários e que os labirintos modernos são mais perigosos que os antigos. Emília, ao comparar os trajes dos homens modernos com os antigos, conclui que os modernos são demasiados carregados, de relógio a pastas, passando por outros apetrechos:

Os homens modernos são verdadeiras bestas de carga. Já aqui, nada disso. Estes gregos não carregam nada – só trazem para a rua a sua beleza, o seu sossego e a sua serenidade, coisas que não precisam de bolsos. Agora é que estou compreendendo como é grotesco o vestuário moderno... (LOBATO, 1955, p. 23).

O encontro de Dona Benta com Péricles é marcado não só por um sentimento de reverência pela época do general, mas também por um desânimo, e a personagem explica que todo aquele esplendor será destruído pelas forças da história, restando só a grandeza do pensamento: “O desejo de conhecer um momentinho da Idade de Ouro da Grécia, justamente a que coincide com o governo do Senhor Péricles. Toda esta sua Atenas de hoje vai desaparecer, destruída pelas guerras de invasão” (LOBATO, 1955, p. 32).

São poucos os momentos em que Dona Benta se contrapõe ao famoso estrategista. Um deles é a escravidão. Homem com ideias progressistas, Lobato não poderia quase em 1940 ser anacrônico aos seus ideais de liberdade, e Dona Benta diz a Péricles: “Uma sociedade justa não pode ter escravos, Senhor Péricles, e nela todos os trabalhos serão feitos por homens livres. Assim já é lá no mundo moderno donde vim” (LOBATO, 1955, p. 44).

Lobato também leva para a Grécia seu descontentamento com as vertentes artísticas do presente. A briga com os movimentos modernistas não é esquecida, e Dona Benta apresenta a Péricles o futuro da arte:

Admito, sim – mas “sei” que no futuro isto será motejado, e esta beleza substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza. Como prova do que estou dizendo vou mostrar um papel que por acaso tenho aqui na bolsa – e Dona Benta tirou da bolsa uma página de “arte moderna”, onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas (LOBATO, 1955, pp. 46 e 48).

Encontramos durante a narrativa um deslumbramento de Dona Benta com os gregos antigos, mas o texto é baseado em trocas de estranhamentos dos atenienses com a trupe que visita a pólis. Se modernamente Dona Benta se apresenta como devedora da beleza e das conquistas dos gregos, existe, no entanto, um ponto em que a vovó do Sítio apresenta a grandeza dos modernos, ponto que foi crucial na vida de Lobato: o livro como objeto, veículo de ideias e produto. Obviamente, Péricles não encontra qualquer livro moderno, mas um livro importante dentro da obra lobatiana:

Péricles interessou-se profundamente por um exemplar das “Reinações de Narizinho” encontrado lá.

– É um modelo do livro moderno – explicou Dona Benta – feito de papel, uma substância que os gregos ainda não conhecem. Não usamos mais o papiro nem o pergaminho. Este papel é fabricado de celulose, isto é, da substância que forma o lenho das árvores. A impressão faz-se nos prelos, por meio de tipos, ou caracteres móveis, quando não por meio das linhas inteiras compostas e fundidas por aquele linotipo de que falei. A invenção do livro permitiu que as obras se divulgassem dum modo incrível. Nos países mais cultos as edições sobem a milhares de exemplares. Às vezes a milhões (LOBATO, 1955, p. 201).

Por mais que Lobato estabeleça durante todo o livro um percurso argumentativo entre um passado idealizado e um presente brutalizado pelo progresso, Dona Benta não deixa de admitir que existe uma presença de evolução no sentido do tempo, e o progresso é descrito como inevitável:

Mas então, vovó, o progresso mecânico é um erro – observou Pedrinho.

– Talvez seja, mas não podemos fugir dele porque é também uma fatalidade. Com as suas invenções constantes, o progresso nos empurra para a frente – para delícias e também para mais tumulto, mais aflição, mais correria, mais pressa, mais insegurança, mais inquietude, mais guerra, mais horror. Essa é a razão da loucura estar tomando conta dos homens (LOBATO, 1955, p. 22).

Como salientamos, a presença de ideias evolucionistas é marcante na literatura infantil do autor. O que percebemos na obra *O Minotauro* é uma constatação dúbia. Apesar de Monteiro Lobato dirigir um forte apelo nostálgico para um passado maravilhoso e um descontentamento para um presente esvaziado de beleza e povoado de “minotauros mecânicos” em labirintos urbanos, ele ainda observa o progresso como mola essencial da virtude civilizatória. Assim, por mais destruição e horror que cause, ele deve continuar. É preciso resgatar Tia Nastácia, voltar ao Sítio e retornar à História, que segue seu caminho.

Conclusão

A antiguidade no livro *O Minotauro* é apresentada como um local positivo de beleza perene diante de um presente desagregador e dominado por feiura. Lobato não deseja refletir os

prós e contras da antiguidade, mas idealizar um momento de liberdade e de força imaginativa ao qual o Sítio do Picapau Amarelo se associa na busca desses ideais.

Monteiro Lobato como autor fazia da literatura infantil um veículo pedagógico de suas ideias. O livro era uma pequena carta de suas intenções para o Brasil, destinado aos brasileiros do futuro, as crianças. Para o autor, a literatura infantil era, além de uma fonte de lucro, um manual de seus princípios e diretrizes para formar uma burguesia liberal, letrada e consolidada em um sólido padrão cultural.

A ideia de uma Grécia advinda do milagre grego, popularizada por grandes nomes da literatura europeia, fornecia a Lobato um sólido mito cultural para apresentar aos seus leitores os ideais que ele visava consolidar. Ao encontrar Atenas, o Sítio procura se vincular a ela, ser herdeiro da Hélade da época de ouro de Péricles. Dona Benta encontra Péricles não para aprender com os gregos, mas para ensinar às crianças brasileiras o que foi a grandeza de Péricles.

Os monstros não estão para Lobato nos mitos antigos, mas no presente, no cotidiano da modernidade, “os minotauros mecânicos” que atropelam crianças, as cidades labirínticas e barulhentas, os trajes pesados e o que ele considera a feiura da arte moderna. Lobato reveste o mundo antigo com uma nostalgia e ao mesmo tempo percebe a história como um processo evolutivo. O Sítio do Picapau Amarelo ainda é referendado como um dos mais importantes mundos imaginários da literatura infantil e por isso as concepções de história evocadas por seus livros não devem ser negligenciadas.

Referências

- ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- CAMPOS, A. L. V. de. *A República do Picapau Amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CASSAL, S. T. B. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002.
- CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- DARMAROS, M. F.; MILTON, J. Emília, a cidadã-modelo soviética: Como a obra infantil de Monteiro Lobato foi traduzida na URSS. *DELTA*, São Paulo, v. 35, n. 1, pp. 1-28, 2019.
- DEL PRIORE, M. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DURANT, Will. *The Story of Civilization II: The life of Greece*. New York: Simon and Schuster, 1966.
- ERMOLAEVA, E. Classical Antiquity in Children’s Literature in the Soviet Union. In: In: MARCINIÁK, K. (ed.). *Our Mythical Childhood... The Classics and Literature for Children and Young Adults*. Boston: Brill, 2016.
- FERREIRA, E. A. G. R. No centro do labirinto: o papel do leitor na obra *O Minotauro*. In:

- LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L (orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FRITZE, R. H. *Egyptomania: A History of Fascination, Obsession and Fantasy*. London: Reaktion Books, 2020.
- HARDWICK, L.; STRAY, C. (eds.). *A Companion to Classical Receptions*. S/l: Blackwell Publishing, 2008.
- HODKINSON, O.; LOVATT, H. (eds.). *Classical Reception and Children's Literature: Greece, Rome and Childhood Transformation*. New York: Bloomsbury Academic, 2018.
- JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- LACERDA, V. A. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, v. 17, n. 3, pp. 15-22, 1982.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.
- LOBATO, M. *O Minotauro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.
- LOBATO, M. *A Barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 2º tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country – Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MARTINDALE, C. Introduction: Thinking Through Reception. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. F. (eds). *Classics and the Uses of Reception*. Malden/Oxford: Blackwell, 2006.
- MAURICE, L. *The Reception of Ancient Greece and Rome in Children's Literature: Heroes and Eagles*. Leiden: Brill, 2015.
- MAZIERO, M. D. S. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2006.
- MURNAGHAN, S.; ROBERTS, D. H. Armies of Children: War and Peace, Ancient History and Myth in Children's Books after World War One. In: MARCINIAK, K. (ed.). *Our Mythical Childhood... The Classics and Literature for Children and Young Adults*. Boston: Brill, 2016.
- PASSIANI, E. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, SP: UNESP, 2003.
- PÁTTARO, M. G. *Uma história meio ao contrário: Um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. São Paulo: Editora Globo, 2011.
- ROCHA JR, R. A. A Grécia pelos olhos dos Picapaus: Lobato e sua leitura de Antiguidade Clássica. *Revista Letras*, Curitiba, n. 78, pp. 85-95, maio/ago. 2009.
- TOPAN, J. de S. O "Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade": singularidades das Grécias lobatianas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de

Educação, 2007.

VASCONCELLOS, Z. M. C. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

Recebido em: 11/10/2020

Aceito em: 20/11/2020